O MOVIMENTO DA TAXA DE LUCRO: FATORES CONTRARIANTES E CRISES PERIÓDICAS NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Lucas Rodrigues[1]

Resumo

Em todos os períodos do ciclo econômico convivem forças que pressionam para a queda na taxa de lucro e aquelas que atuam em sentido oposto. Ambas são intrínsecas ao próprio processo de valorização e acumulação do capital. Nesse trabalho são apresentadas manifestações concretas dos fatores contrariantes à queda na taxa de lucro no capitalismo recente. São discutidos a forma aparente da queima de capital, barateamento dos elementos do capital constante e aumento da exploração da força de trabalho. Atenção especial é dada ao papel da exportação de capital nesse movimento. Os dados apresentados compreendem a economia dos EUA entre 1948 e 2016.

Palavras-chave: Taxa de lucro; fatores contrariantes; exportação de capital

1. Introdução

O movimento declinante da taxa de lucro manifesta-se como característica intrínseca ao processo de valorização e reprodução do capital industrial. Segundo Marx (1986, p. 164), essa tendência surge "a partir da essência do modo de produção capitalista, como necessidade óbvia". No entanto, considerando "o enorme desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social", o desafio se torna não explicar a queda na taxa de lucro, "mas por que essa queda não é maior ou mais rápida" (MARX, 1986, p. 177). Nesse sentido, Marx expõe uma série de fatores contrariantes, os quais operam em favor de restabelecer a valorização do capital.

Para Grossman (1992, p. 131), o resultado da ação de tais fatores é a interrupção de uma tendência ao colapso e a emergência de crises periódicas, de forma que o processo de acumulação de capital torna-se marcado pela sucessão de ciclos de crescimento, crise e estagnação[2]. Esses fatores surgem, por sua vez, "das mesmas causas que geram a

[1] Professor da faculdade de ciências econômicas na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Contato: lucas.rodrigues@unifesspa.edu.br

[2] Segundo Marx (1986, p. 164): "A tendência progressiva da taxa geral de lucro a cair é, portanto, apenas uma expressão peculiar ao modo de produção capitalista para o desenvolvimento progressivo da força produtiva social de trabalho. Com isso *não está dito que a taxa de lucro não possa cair transitoriamente por outras razões*, mas está provado, a partir da essência do modo de produção capitalista, como uma necessidade óbvia, que em seu progresso a taxa média geral de mais-valia tem de expressar-se numa taxa geral de lucro em queda" (grifo nosso). Dessa forma, não se pretende afirmar que todos os ciclos recessivos são sempre causados pela tendência declinante da taxa de lucro. Essa, porém, joga papel central nos períodos de depressão mais profunda (ROBERTS, 2016, SHAIKH, 2011).

tendência à queda na taxa de lucro" (MARX, 1986, p. 180), de modo que a análise de qualquer fase de recuperação e crise deve focar-se na maneira como essas forças interagem reciprocamente.

O movimento cíclico não deve ser compreendido, por sua vez, como uma sucessão de períodos em que por ora atuam as causas que levam à queda na taxa de lucro e por ora as que levam à sua recuperação. Ambas operam simultaneamente, porém se sobrepõem com intensidade distinta. Ou seja, "uma delas tem de ficar latente para que a outra se manifeste, e depois tem de se manifestar, fazendo a outra passar a mera latência" (GRESPAN, 1994, p. 240).

Em períodos de crescimento, nos quais a acumulação de capital e o desenvolvimento das forças produtivas é acentuado, as pressões para o declínio da lucratividade atuam, no longo prazo, de maneira mais intensa que os fatores contrariantes. Por sua vez, em momentos de crise, quando a acumulação se mantém restringida, são essas causas contrariantes que se sobrepõem e possibilitam a emergência de uma nova fase de recuperação. A forma e a intensidade com que ambas operam simultaneamente e se relacionam determinam a duração e as características de cada fase dos ciclos de acumulação.

Segundo Grossman (1992, p. 133), os fatores contrariantes podem ser resumidos a partir de dois efeitos principais: redução do valor do capital constante e aumento na taxa de mais-valia (exploração da força de trabalho). No entanto, a superação das crises requer algo mais violento que a ação conjunta desses elementos. Tais períodos são marcados por uma queima de capital em suas mais variadas formas. O capital-produtivo mantém-se ocioso e é desvalorizado; o capital-mercadoria se acumula em estoques e é vendido abaixo de seus preços de produção ou destruído; massas de capital-dinheiro investidos em formas de capital-fictício perdem completamente seu valor[3] (KLIMAN, 2009).

[3] A queima de capital fictício não deve ser minorada quando se considera a violência das crises e a base para sua recuperação, nem seu efeito deve ser entendido como impactando apenas o capital inserido no circuito das finanças. Como discutido acima, no circuito do capital-industrial são originados uma série de fundos, os quais são imprescindíveis para a manutenção do processo de acumulação e valorização. Esses fundos não permanecem todos na forma dinheiro na tesouraria das empresas, mas tendem a ser aplicados em ativos financeiros de diferentes prazos e níveis de liquidez (a própria característica do fundo se relaciona com o tipo de ativo em que esse será aplicado) (CIPOLLA; PINTO, 2010). Quando capital-fictício é destruído ou desvalorizado, ou ao menos tem sua liquidez diminuída, o capitalista industrial se vê privado de seus fundos. Dessa forma, pode tornar-se incapaz de renovar seu capital-fixo, no caso dos fundos de depreciação; de aumentar sua capacidade produtiva, no caso de fundos de acumulação; ou mesmo ser obrigado a diminuir o tamanho de sua produção, devido à perda dos fundos existentes para

Durante as crises, uma magnitude crescente de capital permanece inutilizada e é eliminada, ao passo que uma massa de trabalhadores se encontra desempregada. Esses elementos formam a base para um novo período de recuperação, em que por um lado diminui o tamanho relativo do capital social total a ser valorizado, e por outro aumenta a taxa de exploração da força de trabalho, dada a expansão do exército industrial de reserva.

Esses processos assumem formas concretas, as quais podem ser verificados empiricamente. Nesse trabalho a atuação dessas forças é discutida a partir de sua manifestação nas variáveis econômicas. Para tanto, utilizou-se uma série de dados da economia dos EUA[4], a partir da segunda metade do séc. XX. Busca-se com isso apresentar a forma específica e alguns resultados da atuação desses fatores contrariantes nas diferentes fases dos ciclos econômicos. Em especial, no período que se seguiu à crise dos anos 1970/1980.

2. Formas de contrapor o declínio da taxa de lucro: queima de capital, redução do valor do capital constante e aumento na taxa de mais-valia

Segundo o National Bureau of Economic Reserch (NBER, 2017), os EUA passaram, entre 1900 a 2017, por 22 ciclos de expansão e retração econômica[5]. Apesar desses ciclos mais ou menos frequentes, podem-se considerar três períodos de profunda depressão e recessão no séc. XX e início do séc. XXI: a grande depressão de 1929-1939, a crise de estagflação de 1967-1982 e a crise que se iniciou em 2007 (SHAIKH, 2016, p. 724). Nesses períodos de retração mais aguda, operaram de maneira nítida os fatores acima mencionados. Durante a década de 1930, por exemplo, em seis anos (1930, 1931, 1934, 1935, 1937 e 1938) o estoque real de capital fixo não residencial do setor privado apresentou variação negativa em relação ao ano anterior (BEA, 2017). Em 1939, esse

compatibilizar a diferença entre o tempo de produção e o tempo de circulação. O uso de *comercial papers* para financiar capital de giro é um exemplo dessa relação. Em períodos nos quais o mercado desses títulos se restringe as empresas que necessitam deles incorrem em dificuldades para honrar seus pagamentos de insumos e salários. Essas dificuldades podem gerar redução na produção, capacidade ociosa e aumento da inadimplência, contribuindo também para a destruição de capital-produtivo.

[4] São utilizados dados referentes aos EUA devido a sua ampla disponibilidade, de modo que os temas aqui tratados podem ser apresentados empiricamente. Conjuntamente, a posição desse país na economia mundial e o desenvolvimento dos capitais vinculados aos capitalistas desse país faz com que os movimentos do processo de acumulação se apresentem ali com maior intensidade.

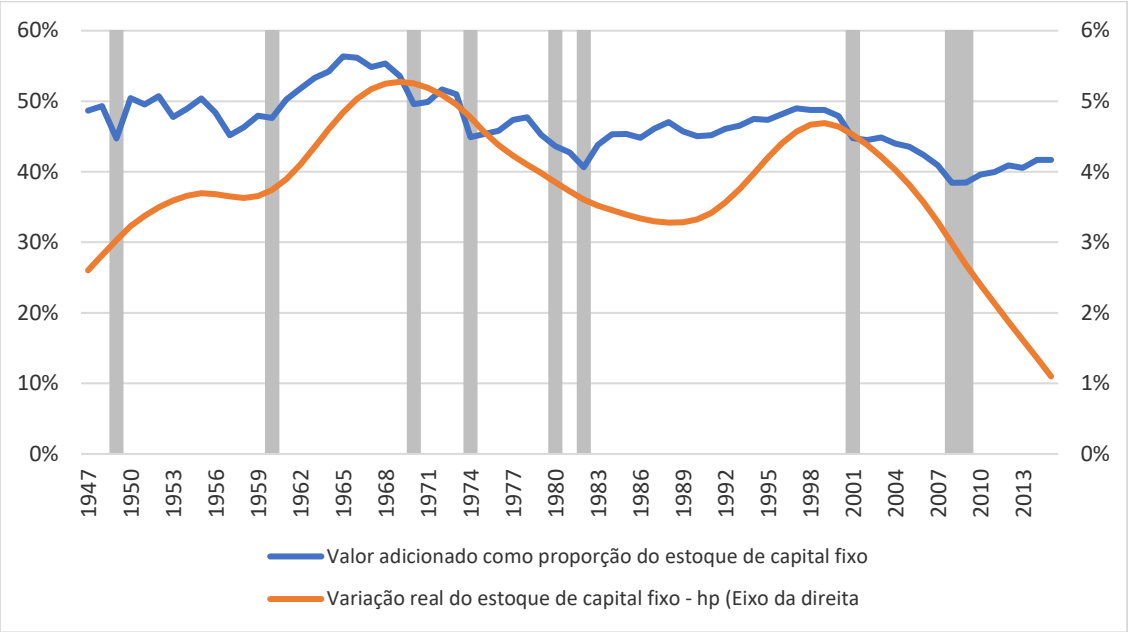
[5] Disponível em: http://www.nber.org/cycles.html acesso 17/08/2017.

estoque a custos correntes foi cerca de 8% menor que em 1929, refletindo tanto sua destruição física quanto a perda de seu valor.

O processo de queima de capital apresenta-se com maior intensidade nos momentos de crise. Esses períodos tendem a ser precedidos por reduções na relação entre o valor criado e o capital adiantado. Esse movimento é a própria expressão da dinâmica da acumulação baseada na substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto. O nível da acumulação, por sua vez, responde a essa dinâmica com certo atraso. Tende a cair posteriormente às reduções nessa relação e ser restabelecido após a recuperação dessa. Depende, portanto, ou de uma aceleração na criação de valor ou de uma diminuição no capital total adiantado. Dado que em momentos de crise reduz-se o emprego da força de trabalho, a retomada do investimento depende, principalmente, da queima de capital.

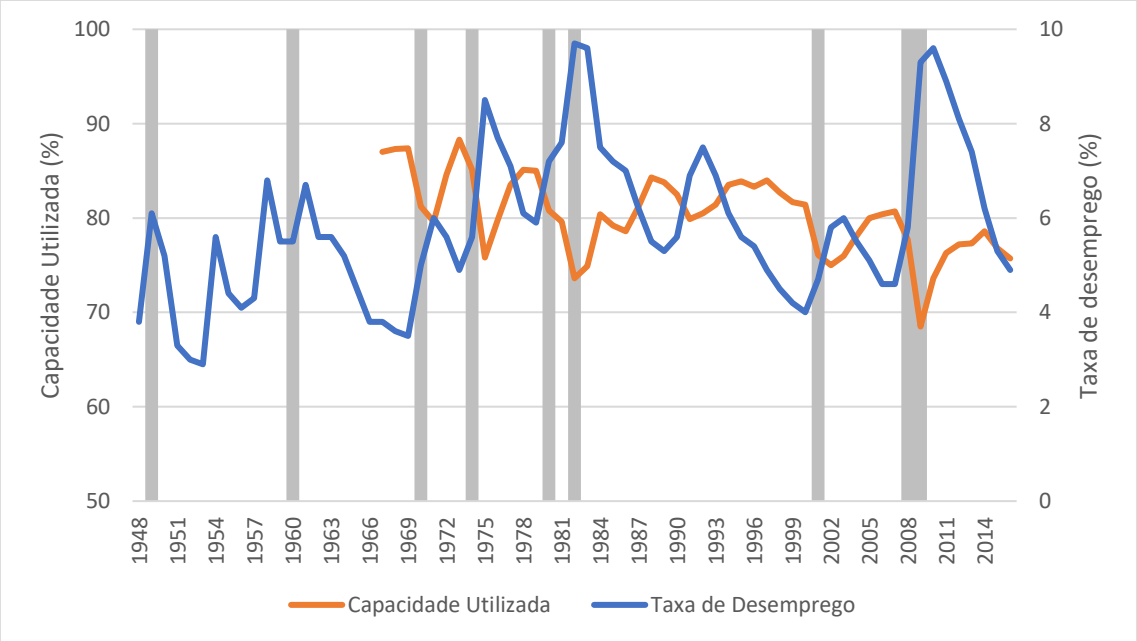
Os gráficos a seguir expressam esses movimentos no período do pós-II Guerra, nos EUA. Pode observar-se que os anos que precederam as crises de 1970/1980 e do final da década de 2000 foram marcados por uma redução na relação entre valor adicionado e estoque de capital fixo. O nível da acumulação seguiu esse movimento, sendo interrompido nos momentos mais agudos de queda e retomado com alguns anos de atraso (Gráfico 1). As crises marcaram uma escalada nas taxas de desemprego e redução no nível da capacidade utilizada (gráfico 2). Esses fenômenos precederam a recuperação posterior, representada pela tendência de variação real do estoque de capital fixo. No entanto, essa não foi tão acelerada entre as crises dos anos 1970/1980 e 2008, quanto na fase ascendente do ciclo anterior.

Gráfico 1: Tendência da variação percentual real do estoque privado de capital fixo não residencial e valor bruto adicionado como proporção do estoque de capital fixo não residencial: setor não financeiro - EUA 1947-2015



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Federal Reserve Bank of St. Louis (FRED)

Gráfico 2: Capacidade Utilizada e Taxa de Desemprego – EUA 1948 - 2016



Fonte: Federal Reserve Bank of St. Louis (FRED)
Nota: os dados de capacidade utilizada estão disponíveis apenas a partir de 1967

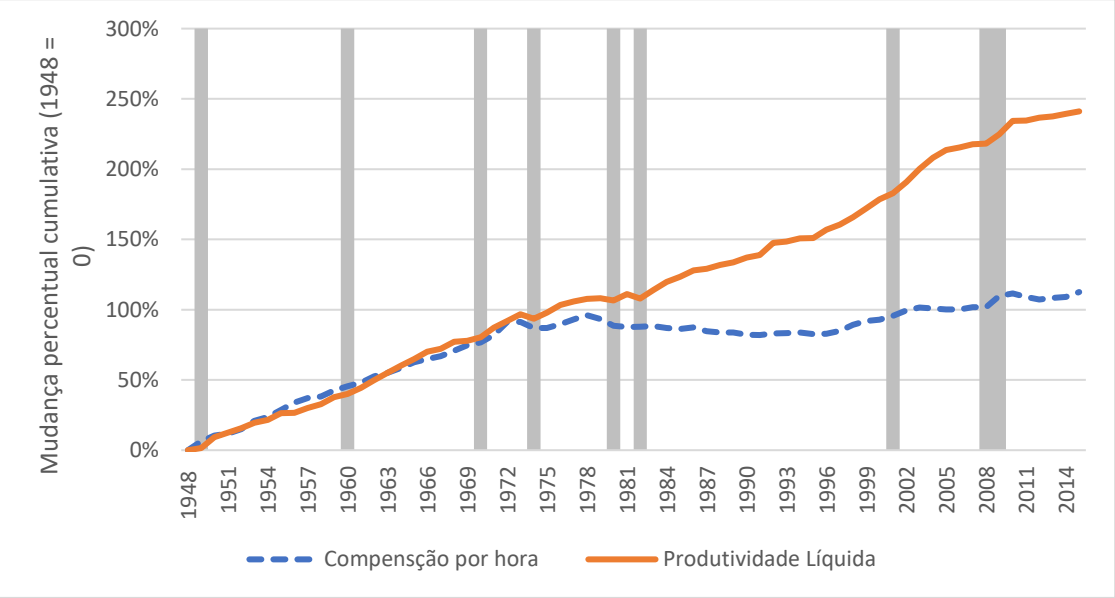
Pode-se inferir que a combinação da queima relativa de capital e da subutilização da capacidade produtiva e da força de trabalho, lançaram as bases para os períodos posteriores de recuperação. Por um lado, permitiram um aumento da exploração da força de trabalho, exemplificada pelo descolamento no crescimento da produtividade líquida e

da compensação real pela hora trabalhada (Gráfico 3). Por outro, possibilitaram uma redução nos preços do capital constante, em especial equipamentos, os quais cresceram de maneira menos acelerada que os demais preços da economia (Gráfico 4).

Como observado, a produtividade líquida e a compensação real da hora trabalhada (excluídos cargos de supervisão), movimentaram-se de maneira conjunta entre 1948 e 1975. Desde então, os salários estagnaram enquanto a produtividade manteve seu ritmo ascendente. Os movimentos dos índices de preços de equipamentos e do total da economia também sofreram uma mudança significativa em sua dinâmica após os anos da crise de 1970/1980. Ambos mantiveram crescimento contínuo até o início desse período, sendo que posteriormente o índice de preços para equipamentos estabilizou-se e passou a cair. Em 1991, esse era cerca de 26% maior que em 2009, enquanto que o índice de preços para o total da economia era aproximadamente 32% menor, no mesmo período.

Essa dinâmica dos preços pode sinalizar uma recuperação menos acelerada da produção industrial após os anos 1980, refletida na retomada lenta da relação entre valor adicionado e estoque de capital fixo. Contudo, traduziu-se, também, no barateamento da parte do capital constante em relação à produção final. O preço das mercadorias vendidas cresceu, assim, mais rapidamente que o do capital adiantado. Esse processo teve um resultado aparente no aumento real da participação dos lucros na renda, em detrimento dos salários (Gráfico 5).

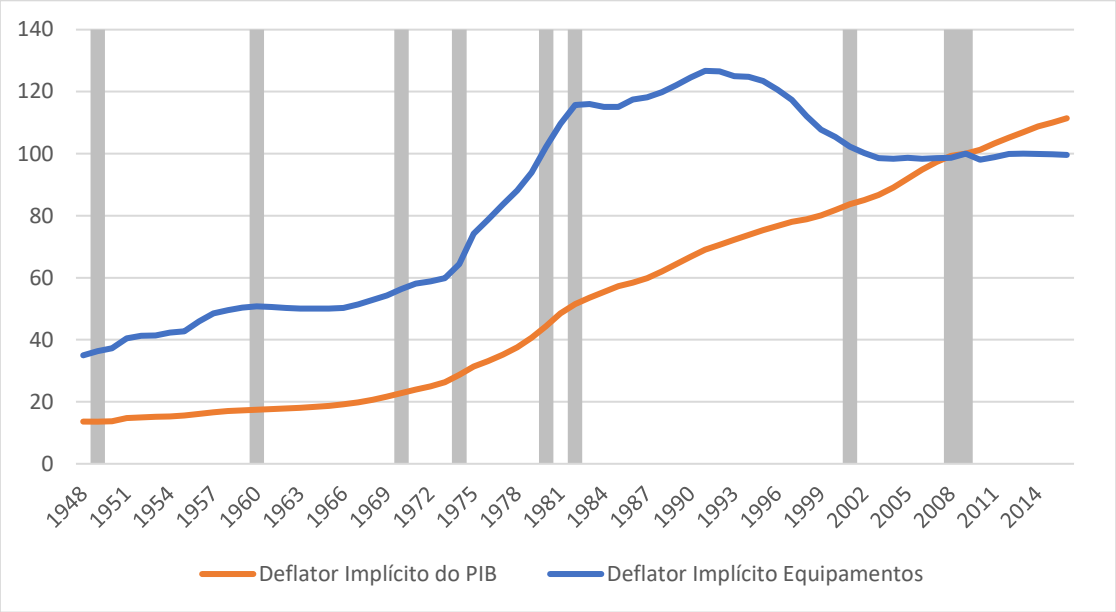
Gráfico 3: Compensação real por hora e produtividade líquida – EUA 1948-2015



Fonte: Economic Policy Institute (EPI, 2017), disponível em : http://www.epi.org/productivity-pay-gap/ acesso 02/08/2017

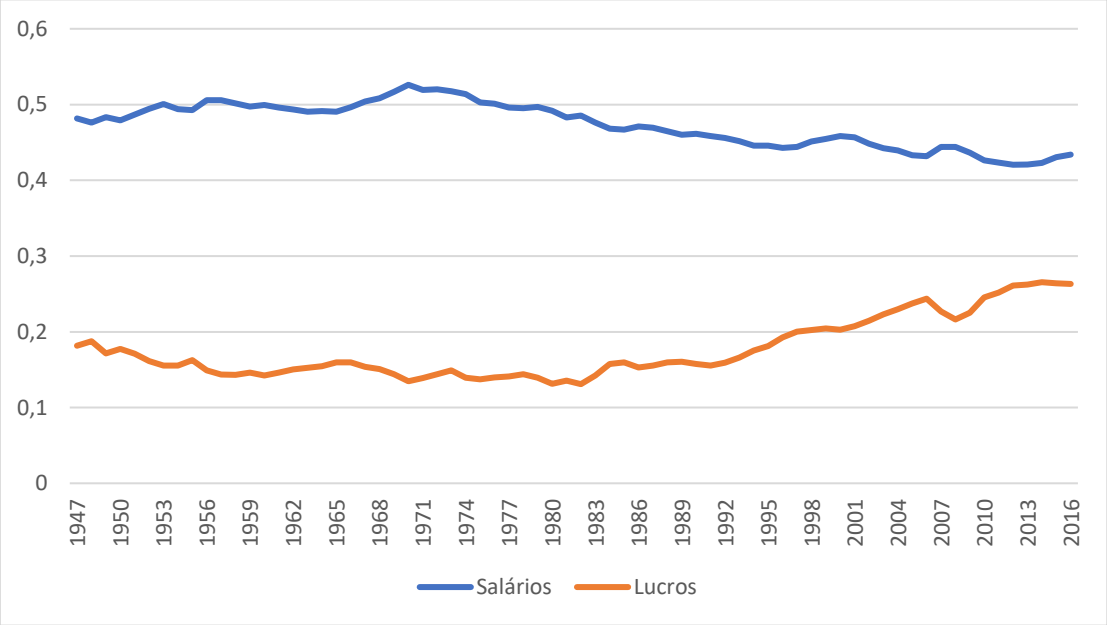
Nota: Compensação horária dos trabalhadores da produção excluídos cargos de supervisão no setor privado da economia. Produtividade líquida corresponde ao crescimento da produção de bens e serviços menos depreciação dividido pelo total de horas trabalhadas.

Gráfico 4: Deflator Implícito do PIB e de Equipamentos – EUA 1948-2016 (2009 = 100)



Fonte: BEA

Gráfico 5: Participação real dos salários e lucros na renda nacional – 1947 – 2016



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Bureau of economic analysis
Nota: Salários corrigidos pelo deflator implícito de gastos com consumo pessoal e lucros corrigidos pelo deflator implícito de investimento fixo não-residencial (NIPA Table 1.1.9)

Os mecanismos descritos por Marx que atuam no sentido de restaurar a taxa de lucro e iniciar novos ciclos de acumulação podem ser captados pelos dados expostos

acima. Tanto o aumento da exploração, a redução no preço do capital constante em relação às demais mercadorias, como a destruição de capital contribuíram nesses períodos para a saída das crises. Esses mecanismos podem atuar com maior ou menor intensidade, dando características particulares aos movimentos de recuperação. Kliman (2009, 2011) argumenta, por exemplo, que o processo de queima de capital durante a crise dos anos 1970/1980 foi insuficiente, resultando em uma dinâmica de acumulação mais lenta nas décadas seguintes, se comparada com o período anterior[6].

Pode-se considerar, ainda, um fator adicional que reforça os mecanismos acima descritos, contribuindo para a restauração da taxa de lucro. Esse refere-se às expansões para o mercado externo e ao processo de exportação de capital, movimentos que tendem a ganhar força em momentos de retração da acumulação interna (GROSSMAN, 1992). Marx apresenta o efeito positivo do comércio exterior na restauração da lucratividade. No entanto, no capitalismo avançado esse ganha contornos mais amplos com a exportação de capital em todas suas formas. Esse movimento foi característico do período de recuperação posterior à crise dos anos 1970/1980, originando inúmeros debates sobre o processo de globalização. Dada sua extensão nas últimas décadas, essa questão é apresentada separadamente nesse trabalho.

3. Formas de contrapor o declínio da taxa de lucro: a formação do mercado mundial

A violência das crises depende tanto da massa de capital a ser destruída – em todas suas formas - quanto da intensidade do aumento da exploração da força de trabalho. No entanto, essa violência pode ser abrandada caso se desenvolvam formas de absorver o capital excedente e limitar sua queima. Nesse aspecto, a exportação de capital e a incorporação ou criação de novos setores para dentro do circuito de valorização, surgem como importantes mecanismos[7]. A primeira não apenas potencializa os fatores contrariantes tradicionais, como possibilita a expansão de esferas de acumulação para o

[6] No anexo 2 são apresentados os movimentos do estoque de capital fixo não residencial tanto em quantidade quanto a custos correntes, nos anos subsequentes às crises de 1929, 1970/1980 e 2008. Pode-se com isso, verificar as diferenças na intensidade da queima de capital em cada período.

[7] Outro modo de contrapor a violência das crises e adiar seus efeitos é o desenvolvimento de formas que promovam o lucro por alienação, principalmente a partir da apropriação de valores do circuito da renda ou da riqueza pelos circuitos do capital. Nesse aspecto as finanças jogam papel determinante, como ficou evidente durante a crise de 2007 e 2008 com os CDOs e MBSs (NORFIELD, 2012, 2016). A análise de tal mecanismo, apesar de sua importância nas últimas décadas, foge do escopo desse trabalho.

capital que não encontra oportunidades internas de aplicação. De acordo com Pradella (2015), Marx percebe no movimento para o mercado internacional uma das causas centrais para a superação da crise europeia de 1847-8:

> Deeper analysis convinced him [Marx] that the enormous economic and imperial expansion in the late 1840s had been among the major factors pulling Britain and Western Europe out of the crisis. The discovery of gold in Australia and California and the repeal of the Corn Laws had initiated a new industrial era, unique for the speed and scale of the growth of foreign trade and investment. British legislation was made subordinate to the interests of manufacturing capitalists, willing to make England 'the great manufacturing center of an agricultural world'. British industry integrated entire countries and regions into its system of the division of labour, mainly through capital investments, which laid the foundation for commodity export. The extreme pauperization of the masses transformed highly populated colonies like Ireland, India and, albeit partially, China into a reserve of labour power, allowing capitalists to organize large-scale migration to other British colonies, which, since the abolition of slavery, were in dire need of workers. Thanks to the development of the means of transport, moreover, European emigration also grew considerably; and British colonization spread to Australia and South Africa. In 1855 the British parliament permitted the formation of railway corporations giving free rein to the process of capital centralization. (PRADELLA, 2015, p. 92)

Períodos de crise se relacionaram, ao longo da história do modo de produção capitalista, com distintas formas de exportação de capital (BINA; YAGHMAIAN, 1991). Apesar desse movimento estar contido na própria lógica da acumulação (GIUSSANI, 1996; CHATTOPADHYAY, 2005) - não sendo restrito aos momentos de valorização imperfeita - tende a acelerar-se nessas situações. Para Grossman (1992), isso se dá pelas pressões que a formação de capital excedente exerce para a expansão internacional. Segundo o autor, esse fator tem um papel ainda mais central que a possibilidade de lucros maiores auferidos nas operações externas. Apesar de diferenciais de rentabilidade atraírem investimentos nessa esfera, seus momentos mais agudos de expansão refletem as restrições existentes na acumulação interna, e a necessidade de novos mercados para valorizar o capital em excesso. No entanto, é possível encontrar uma relação mútua entre esses dois elementos, em especial nos momentos em que os diferencias de lucratividade passam a ser melhor explorados. O funcionamento da concorrência real (SHAIKH, 2016) está na base dessa relação.

O ponto de partida são as distintas formas concretas de existência do capital e o modo como participam do processo concorrencial. Enquanto imobilizado em determinado local, esse não possui as mesmas possibilidades de deslocamento que o capital como dinheiro ou mesmo mercadoria. Para uma empresa migrar de uma região a outra, sem sofrer perdas, é necessário que o valor de seu capital fixo seja transferido para

as mercadorias e posteriormente realizado, e só então possa ser exportado. Ao menos temporariamente, capitais de um mesmo setor, com diferentes lucratividades, devem coexistir em vários locais. A tendência, porém, é que empresas sujeitas a uma rentabilidade menor apresentem uma taxa de reinvestimento baixa ou mesmo nula, acumulando capital excedente apto a ser exportado. Nesse sentido, tanto o excedente de capital impulsiona os fluxos internacionais, quanto os diferencias de rentabilidade promovem a formação de capital excedente nas regiões de menores taxas de lucro.

Antes de apresentar algumas evidências e formas desse movimento no estágio atual do modo de produção capitalista, é importante discutir seu efeito transformador na economia global. Segundo Marx, o desenvolvimento do circuito do capital significa, conjuntamente, uma transformação nas relações sociais de produção, as quais se conformam à sua necessidade de valorização. O mesmo ocorre quando a ação do capital na esfera internacional se aprofunda e passa a englobar uma quantidade maior de países. Dessa forma, esse movimento deve ser considerado não apenas dentro de seus aspectos quantitativos, mas também qualitativos, na medida em que opera uma generalização dessas relações sociais de produção.

O processo de expansão internacional assume diferentes formas, e pode ocorrer com o capital-mercadoria, o capital-produtivo e o capital-dinheiro. Cada uma dessas impacta de modo particular a taxa de lucro e desencadeia mudanças específicas nas regiões de destino e na economia mundial como um todo (ASTARITA, 2004). Como capital-mercadoria, por exemplo, o intercâmbio externo possibilita o barateamento dos meios de produção, em especial matérias-primas, e dos meios de consumo. Como capital-dinheiro, e particularmente como capital portador de juros, promove a apropriação de parte da mais-valia ou das rendas e riqueza geradas ou acumuladas em outras regiões. As transações decorrentes dessas formas, no entanto, têm uma capacidade limitada de transformação, podendo ser mantidas mesmo entre sociedades com distintas relações de produção.

A internacionalização do capital apenas se completa, assim, quando engloba conjuntamente o capital-produtivo, o qual possibilita a geração de mais-valia em escala global (BINA; YAGHMAIAN, 1991). Segundo Bina e Yaghmaian (1991), a expansão mais intensa do capital nessa forma, no pós-II Guerra mundial, promoveu o que chamam

da fase moderna da acumulação primitiva[8]. Esse processo teve como resultado a generalização, em escala global, das relações capitalistas de produção, levando ao desenvolvimento mais acabado do mercado mundial[9]. Essa interpretação adiciona um significado qualitativo para a questão do capital global. Para Bina e Yaghmaian (1991, p. 111) "Global capital is not the algebraic summation of the existing national capitals, constantly moving across the globe from one country to another, but rather an organic supranational social relation of production".

A generalização das relações sociais de produção capitalistas mantém uma relação de duplicidade com o desenvolvimento do mercado mundial. Ao mesmo tempo em que resulta do processo histórico do movimento do capital para esfera internacional, torna-se a base para sua expansão e valorização nas diferentes formas assumidas. Nesse sentido, para Marx (2011, p 170), o "mercado mundial [...] constitui ao mesmo tempo o pressuposto e o portador da totalidade [da produção capitalista]". Conforme se completa o funcionamento do circuito do capital-industrial nessa esfera ampliada, a criação de mais-valia torna-se o principal meio para sua valorização. Subordina, assim, a totalidade da produção para dentro de sua lógica. Segundo Astarita (2009, p. 95):

> Hay que destacar que no se trata solo de la extensión geográfica del capitalismo sino también de la organización en profundidad de las relaciones de producción capitalistas. En las regiones en las que ya existía el capitalismo, más sectores y ramas de la producción se han sometido a la ley del valor. Las privatizaciones de empresas públicas, que se han multiplicado en los últimos años son representativas de esta tendencia. También las aperturas comerciales, en tanto implican un aumento de la presión competitiva y de la constricción que ejerce la ley del valor sobre los mercados nacionales, incluida la fuerza de trabajo. Como consecuencia amplias masas de la población se han proletarizado y han sido subsumidas 'realmente' al capital. Esto significa que pasa a predominar la extracción de plusvalía relativa y que las formas de trabajo bajo el mando del capital. Lo que implica la total subordinación de la estructura social existente a las relaciones sociales del capital.

[8] "The second phase in the development of world economy is the unfolding of the advanced stage of primitive accumulation upon which the colonial and/or semicolonial states were integrated into the contemporary transnational economy. Here, with the internationalization of productive capital, all the circuits of social capital become transnationalised. The import-substitution and export-led industrialization programmes belong to this historical phase" (BINA; YAGHMAIAN, 1991, p. 118).

[9] Tal afirmação pode, num primeiro momento, parecer um exagero. No entanto, se considerarmos que "a inicios de la década de 1970 en extensas zonas del planeta – Este de Europa, URSS, China, Corea del Norte, Vietnam del Norte, Cuba – la propiedad privada del capital estaba vedada [y] en amplias regiones de África, Asia y América Latina predominaban modos de producción precapitalistas" (ASTARITA, 2009, p. 94), entendemos que se justifica a proposição de a tendência à formação do mercado mundial ter se realizado completamente apenas, pelo menos, dentro das últimas quatro décadas.

Para Grossman (1992), essa ação transformadora do capital na esfera internacional expande as possibilidades para sua acumulação.. Segundo o autor, o aprofundamento do capitalismo nos países atrasados, especialmente com sua industrialização, os torna capazes de receber uma magnitude maior do capital excedente, gerado nas economias avançadas. Esse movimento tem um efeito duplo, na medida em que também generaliza as contradições existentes no processo de acumulação. A formação de valores ociosos torna-se característica também nas regiões até então receptoras, e seu capitais passam a buscar melhores oportunidades de valorização na esfera internacional. Esse processo se traduz no aumento da concorrência e da violência e abrangência das crises (GROSSMAN, 1992).

3. Formas de contrapor o declínio da taxa de lucro: o papel da exportação de capital

Como argumentado acima, o impulso para o capital se tornar global é contínuo, e está contido na própria essência de acumulação e valorização, dentro da dinâmica da concorrência. No entanto, esse processo assume formas históricas específicas e por ora se acelera ou se retrai. Esses movimentos se relacionam diretamente com o comportamento da taxa de lucro, tanto em seus movimentos cíclicos quanto em sua tendência. Apesar de se focar principalmente na exportação do capital-mercadoria, Grossman (1992) ressalta que em períodos de acumulação acelerada a indústria opera principalmente em função do mercado nacional. No entanto, conforme a queda na taxa de lucro passa a se refletir em magnitudes de capital ocioso, em especial capital-mercadoria e capital-dinheiro, as pressões para expansão se voltam à esfera internacional. Segundo o autor:

> While commodity exports are not confined to periods of crisis or depression it is a fact that in boom periods, when the level of domestic prices is high and shows an upward trend, accumulation in individual spheres of industry creates a market for industry, and industry works mainly for the national market. Foreign trade gains importance in periods of internal saturation, when valorization disappears due to overaccumulation and there is a declining demand for investment goods. The drive to export in a period of depression acts as a valve for overproduction on the domestic market. In Germany after the boom year of 1927 there was a tapering off early in 1928. Although a depression has still to come there was, in the first month of 1928, a retreat in domestic demand practically all along the line. At the same time however, exports provided a compensation. From January to April 1928 exports were around 18.5 per cent higher then in the corresponding part of the previous year. Thus here we have a means of partially offsetting a crisis of valorization in the domestic economy. (GROSSMAN, 1992, p. 173)

O movimento do capital para a esfera internacional parece, assim, manter uma vinculação estreita com o nível da acumulação interna. Algumas evidências dessa relação podem ser apreendidas no movimento contrário entre os fluxos de investimento direto externo e o desempenho econômico de diferentes regiões. Para os EUA, por exemplo, enquanto sua taxa média de crescimento real do PIB entre 1948 e 1979 foi de aproximadamente 3,9% ao ano, seu investimento direto externo (IDE), no mesmo período, foi cerca de 2,8% do investimento fixo doméstico (não residencial). De 1980 até 2016, no entanto, enquanto o PIB apresentou um crescimento anual médio de apenas 2,6%, seu IDE em relação ao investimento doméstico subiu em média para quase 6,9% ao ano (FRED; BEA). Apesar dos dados para o total das nações desenvolvidas estarem disponíveis apenas a partir de 1970 (UNCTAD, 2017), a mesma relação pode ser observada. O crescimento anual médio do PIB desse grupo de países nas décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010 foi de, respectivamente, 3,6%, 2,9%, 2,5%, 1,6% e 1,7%. A relação entre a saída de IDE e a formação bruta de capital fixo no mesmo período foi de 2,5%, 3%, 6,9%, 12% e 10,8%.

A queda na acumulação interna parece, assim, levar a uma substituição pela acumulação externa. No entanto, essa troca não é imediata e encontra entraves para seu prosseguimento. O capital detém uma existência concreta, a qual se relaciona tanto com a sua forma quanto com os setores específicos nos quais realiza seu circuito. Em cada um necessita de estruturas específicas para sua valorização, as quais não estão distribuídas uniformemente ao longo dos países que participam do processo global de valorização. Essas diferenças determinam a direção, quantidade e tipo de capital que pode ser absorvido nas diferentes regiões, impondo um caráter desigual para esse movimento.

A dinâmica da exportação de capital e sua absorção nos locais e setores de destino depende, portanto, não apenas da relação com o valor, mas também da forma concreta dos valores-de-uso[10]. Segundo Marx (1986, p. 188) "[a] massa de trabalho que o capital pode comandar depende não de seu valor, mas da massa das matérias-primas e auxiliares, da maquinaria e dos elementos do capital fixo, dos meios de subsistência dos quais ele é composto, qualquer que seja seu valor". A capacidade de determinado setor ou país de receber o capital excedente não se limita, assim, apenas à relação entre as taxas de lucro

[10] Segundo Grossman (1992, p. 147): "It is thus completely inadequate to examine the process of reproduction purely from the side of value. We can see what an important role use value plays in this process. Marx himself always tackled the capitalist mechanism from both sides – value as well as use value."

internacionais, mas também com a forma concreta do capital a ser exportado e aquele existente no país alvo.

A vigência de taxas de lucros maiores em determinado local não significa que qualquer capital, independentemente do setor de aplicação, será capaz de obter tal retorno. Ao mesmo tempo, as diferenças no nível alcançado pelas forças produtivas e a extensão das relações capitalistas de produção são determinantes para a magnitude passível de ser absorvida. A própria criação de novos setores está conectada com as especificidades e o desenvolvimento existente em cada região. O movimento de exportação do capital ocorre, assim, dentro de certos limites, os quais são incompreensíveis quando se mantém a análise apenas sob a ótica do valor.

Essa questão se revela mais claramente quando se comparam os retornos sobre o investimento direto externo e a magnitude de capital investida nas diferentes regiões. Analisando esse movimento para os EUA, percebe-se que os investimentos externos mais rentáveis em praticamente todos os períodos foram aqueles localizados em países da África e Oriente Médio. Locais em geral com baixo desenvolvimento de suas forças produtivas. No entanto, essas regiões também foram aquelas com a menor magnitude de capital investido, assim como apresentaram uma taxa baixa de reinversão dos lucros ali obtidos (ver tabela 1). No período analisado, essas regiões chegaram a perder participação no estoque total de IDE dos EUA.

Uma explicação possível para tal movimento é a baixa capacidade de absorção existente nesses locais, em grande medida ligada a problemas estruturais (qualificação da força de trabalho, infraestrutura, etc.). Um outro fator é que em grande parte desses países as atividades mais lucrativas estão nos setores de extração mineral ou agricultura. A capacidade de absorver capital nesses é determinada pela necessidade de áreas específicas e limitadas para seu desenvolvimento. Na medida em que outros setores além desses não encontram a mesma capacidade de valorização, a existência de taxas gerais de lucro maiores não se traduz em um aumento proporcional do capital que se direciona para tais regiões.

Tabela 1: Estoque de IDE, retorno sobre IDE e lucros reinvestidos por região – EUA (média dos períodos)

	1982-1989			1990-1999		
	Estoque IDE (% total)	Retorno sobre IDE	Lucros Reinvestidos	Estoque IDE (% total)	Retorno sobre IDE	Lucros Reinvestidos
Canadá	19,6%	10,4%	45,6%	12,3%	8,1%	39,2%
Europa	46,1%	13,5%	37,7%	49,9%	10,9%	49,9%
América Latina	14,1%	11%	76,7%	18,8%	11,8%	51,8%
África	2,2%	15,5%	-28,2%	1,0%	21,5%	-7,7%
Oriente Médio	1,6%	17,5%	-19,0%	1,0%	16,7%	44,0%
Ásia e Pacífico	14,6%	15,9%	30,0%	16,4%	12,8%	38,5%
	2000-2009			2009-2016		
	Estoque IDE (% total)	Retorno sobre IDE	Lucros Reinvestidos	Estoque IDE (% total)	Retorno sobre IDE	Lucros Reinvestidos
Canadá	9,4%	9,4%	55,8%	7,6%	8,0%	72,3%
Europa	54,8%	9,5%	50,3%	56,6%	8,9%	67,9%
América Latina	18,1%	10,2%	44,5%	18,1%	10,1%	69,3%
África	1,1%	17,9%	46,4%	1,3%	9,4%	-154,3%
Oriente Médio	0,9%	20,2%	46,0%	0,9%	29,0%	24,6%
Ásia e Pacífico	15,8%	12,8%	54,0%	15,4%	10,7%	58,9%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do BEA
Nota: Estoque IDE em cada região como porcentagem do total do estoque de IDE; Retorno sobre IDE = Receita de IDE recebidas/ Valor do estoque de IDE; Lucros reinvestidos como porcentagem das Receitas de IDE recebidas de cada região

As decisões de exportar capital se baseiam, assim, na identificação dos setores e locais aptos a valorizar esse capital. Dentro de tais condições, seu efeito para as distintas regiões receptoras pode ser tanto de transformação das estruturas existentes e desenvolvimento de novas atividades, como um reforço daquelas já estabelecidas e destruição de setores menos consolidados (WEEKS, 2001). O aumento da concorrência desencadeado por esse movimento promove as diferentes vantagens competitivas que o capital pode aproveitar em cada local[11]. No entanto, esse movimento pode significar uma regressão produtiva para inúmeras regiões incapazes de competir em certos setores.

De maneira conjunta, ao expandir sua esfera de atuação o capital no âmbito internacional impulsiona tanto os fatores que cooperam para sua valorização, quanto aqueles que atuam para crises e rupturas. Marx (1986, p. 180), referindo-se ao efeito do comércio internacional, o qual pode ser extrapolado para a exportação de capital como um todo, coloca que:

[11] Para um desenvolvimento da teoria das vantagens absolutas e sua contraposição em relação a teoria das vantagens comparativas ver Shaikh (1979), Schumacher (2012) e Milberg (1994).

> À medida que o comércio exterior barateia em parte os elementos do capital constante, em parte os meios de subsistência necessários em que o capital variável se converte, ele atua de forma a fazer crescer a taxa de lucro, ao elevar a taxa de mais-valia e ao reduzir o valor do capital constante. Ele atua em geral nesse sentido ao permitir a ampliação da escala da produção. Assim ele acelera, por um lado, a acumulação, por outro, também o descenso do capital variável em relação ao capital constante, e com isso a queda da taxa de lucro. Da mesma maneira, a ampliação do comércio exterior, embora tenha sido na infância do modo de produção capitalista sua base, tornou-se, em seu progresso, pela necessidade intrínseca desse modo de produção, por sua necessidade de mercado sempre mais amplo, seu próprio produto. Aqui se manifesta novamente a mesma duplicidade do efeito.

O barateamento dos elementos do capital constante e do capital variável é uma das formas pela qual a expansão internacional do capital favorece a retomada da taxa de lucro. Seu efeito vai tanto na direção de diminuir relativamente a magnitude de capital a ser valorizado dentro de determinado território, quanto de aumentar a taxa de mais-valia. No entanto, é apenas com a exportação do capital produtivo que esses mecanismos podem ser completamente desenvolvidos, uma vez que não apenas as capacidades produtivas existentes são aproveitadas, mas novas capacidades podem ser criadas e exploradas. Esse movimento tem efeitos sobre a taxa de mais-valia tanto no país que exporta capital quanto naquele que o recebe. Em primeiro lugar, possibilita a redução dos salários pelo barateamento dos meios de subsistência. Em segundo, expande a produção de mais-valia nos países receptores. Em terceiro, leva ao aumento do exército industrial de reserva e da competição entre trabalhadores em nível global.

Conjuntamente, o menor desenvolvimento das forças produtivas em certas regiões e a consequente menor composição orgânica de seus capitais possibilita a existência de maiores taxas de lucro nessas regiões (MARX, 1986, p. 181). Dado que o capital produtivo exportado em geral detém vantagens competitivas em relação aos capitais nativos, quando compete no mercado local pode auferir lucros extraordinários devido a seus menores custos. Segundo Shaikh (1979), esse movimento é característico dos capitais que se direcionam para os setores exportadores dos países atrasados. Na relação entre regiões de diferentes graus de desenvolvimento as vantagens auferidas pelo capital externo também proporcionam a centralização dos capitais locais.

Outra maneira como a exportação de capital se contrapõe à tendência de queda na taxa de lucro se dá pela diferença entre produção e apropriação da mais-valia (SMITH, 2010). Esse processo se relaciona de maneira mais estreita com o movimento do capital-mercadoria, e assume as formas de terceirização e subcontratação (*outsourcing*). Como exposto acima, no desenvolvimento do capital-industrial algumas das funções presentes

em seu circuito se autonomizam na forma de capital-comercial. A existência desse circuito – autônomo, porém subordinado - opera uma mudança na distribuição do valor gerado. Não apenas o lucro auferido pelo capital-comercial tem sua origem a mais-valia produzida no circuito do capital-industrial, como os salários de seus trabalhadores improdutivos. Essa subordinação deve ser entendida, no entanto, não como uma relação hierárquica entre as empresas de cada circuito, mas apenas coma a expressão de que a valorização de uma forma de capital depende do valor produzido por outra. Assim, o desenvolvimento de algumas frações do capital-comercial e a centralização desse, originando grandes conglomerados comerciais, possibilita seu domínio sobre uma variedade de empresas industriais.

A expansão dos processos de *outsourcing*, praticados por essas corporações no mercado mundial, tem possibilitado a apropriação de grande parte da mais-valia gerada em outros locais, pelo capital-comercial estrangeiro (NORFIELD, 2016). A realização dessa massa de valor excedente no país em que ocorre o consumo final colabora para a expansão de sua taxa de lucro de duas formas principais. De maneira mais direta, pelo aumento da massa de mais-valia disponível para ser apropriada internamente. Indiretamente, pois possibilita a redução na magnitude do capital a ser valorizado. Segundo Norfield (2016, p. 94):

> A second factor has arguably been more important, but does not directly appear in any US data and is far less remarked upon for its impact on profits: the low-cost products available to US capital through trading relationships with low-wage countries, particularly China. US data do show the profits from foreign investment, but there is no accounting for how the low cost of imported cheap labour products boosted the recorded profits of US corporations. If the goods are supplied cheaply, that is judged to be what they are worth, and the huge profit margins made on the sale of these goods to final consumers are then supposedly due to 'value added' in the US after they are unloaded at the port. The domestic profits of US companies (such as Wal-Mart and Apple) appear to come from their domestic operations, but in reality part will depend upon these products of foreign, super-exploited labour. This would help explain the paradox that while US domestic corporate profits might look high, domestic US investment remains weak.

O aumento da massa de mais-valia disponível por meio dessas relações impacta positivamente a taxa de lucro. Seu efeito é ainda maior pois certas características do capital-comercial permitem uma redução no valor total aplicado. Em primeiro lugar, pois seu circuito apresenta uma rotatividade mais acelerada, ou seja, um tempo menor entre a compra e a venda, sendo necessário menos capital-dinheiro adiantado (MARX, 1986, p.210). Em segundo lugar, pois opera através do crédito-comercial, o que possibilita que o pagamento da mercadoria comprada seja realizado não com capital adiantado, mas com

o resultado da venda final. Sempre que essa se realize antes do vencimento do prazo de pagamento, a magnitude de capital necessário diminui, influindo positivamente sobre a taxa de lucro. Esses processos de *outsourcing* têm caracterizado grande parte das relações comerciais entre países, especialmente entre aqueles de diferentes níveis de desenvolvimento (MILBERG; WINKLER, 2013). Se por um lado isso se reflete em crescentes déficits em conta corrente nos países mais avançados, por outro colabora para a valorização interna de seus capitais.

No entanto, o efeito positivo da exportação de capital sobre a taxa de lucro não ocorre apenas quando esse se dá entre regiões de diferentes níveis de desenvolvimento. Segundo dados da UNCTAD, entre 1970 e 2016 a entrada de investimento direto nos países desenvolvidos foi maior que nos países atrasados em todo o período, excetuando o ano de 2014. Esse fato impõe desafios na compreensão desse movimento, porém três causas podem ser apresentadas. Em primeiro lugar, devido à maior capacidade de absorção de capital nessas regiões, dado seu grau elevado de desenvolvimento econômico. Em segundo lugar, pela existência de setores mais dinâmicos nesses países, os quais têm uma capacidade maior de se desviar das taxas de lucro média e atrair capitais. Em terceiro, pelo peso da centralização de capital nesse tipo de fluxo de investimento. Cada uma dessas causas tem um impacto distinto sobre a taxa de lucro.

A maior capacidade de absorção existentes nos países avançados possibilita que uma magnitude maior de dinheiro ocioso entre em algum circuito do capital, e assim contribua para a produção e/ou apropriação de valor. O desenvolvimento tecnológico, o qual se relaciona com a capacidade de redução de custos e realização de lucros extraordinários, promove a absorção de capital e sua valorização em taxas de lucros maiores que a média, ainda que temporariamente.

O processo de centralização de capital, por sua vez, pode influir positivamente sobre a taxa de lucro, porém de uma maneira contraditória. Em períodos em que a acumulação é baixa e o capital-produtivo encontra-se ocioso a tendência é que ocorra sua desvalorização. A compra de ativos desvalorizados significa uma queima de capital e, portanto, a diminuição da massa a ser valorizada, tendo um efeito positivo sobre a taxa de lucro (MOSELEY, 2003, in Saad-Filho 2002). Nesse sentido, a expansão dos fluxos internacionais de investimento pode revelar não um processo de acumulação acelerado, mas, pelo contrário, um baixo dinamismo econômico.

A exportação de capital atua, assim, promovendo todos aqueles fatores contrariantes da taxa de lucro. Permite a elevação do grau de exploração da força de trabalho, tanto nacional quanto internacional. Transfere capitais e setores para locais de mão-de-obra mais barata, promovendo uma redefinição do valor da força de trabalho dentro desses setores. Cria nesse movimento uma superpopulação relativa, e amplia o nível da concorrência entre trabalhadores. Conjuntamente, barateia os elementos do capital constante, inicialmente das matérias-primas, e crescentemente dos meios de produção mais sofisticados, como máquinas e equipamentos.

A ação desses elementos não leva, porém, à anulação da lei da queda tendencial da taxa de lucro, apenas "debilita seu efeito" (MARX, 1986, p. 182). Apesar de retardar a emergência de crises, seus limites se revelam nas próprias contradições que esses elementos inauguram em seu desenvolvimento.

4. Limites dos fatores contrariantes e suas formas aparentes

A existência de fatores contrariantes ao movimento de queda da taxa de lucro faz com que esse não se realize de maneira absoluta, mas apenas como tendência geral. Dessa maneira, seus efeitos não ficam evidentes na forma de uma diminuição constante no nível da acumulação. Isso não significa, porém, que os elementos que pressionam para sua queda deixem de operar em certos períodos. As causas que competem para o movimento declinante da lucratividade estão contidas no próprio processo de valorização e acumulação, sem os quais o capital deixa de ser capital.

No entanto é possível, e empiricamente constatável, que uma taxa de lucro em queda conviva, mesmo que momentaneamente, com níveis de investimento altos ou mesmo crescentes. A razão principal desse movimento é a relação inversa, durante a fase de crescimento, entre a taxa de lucro e a massa de lucro. Segundo Grossman (1992, p. 76):

> This fall in the rate of profit at the stage of overaccumulation is different from the fall at early stages, of the accumulation of capital. *A falling rate of profit is a permanent symptom of the progress of accumulation through all its stages*, but at the initial stages of accumulation it goes together with an expanding mass of profits and expanded capitalist consumption. Beyond certain limits however, the falling rate or profit is accompanied by a fall in the surplus value earmarked for capitalist consumption and soon afterwards of the portions of surplus value destined for accumulation. 'The fall in the rate of profit would then be accompanied by an absolute decrease in the mass of profit… And the

> reduced mass of profit would have to be calculated on an increase total capital'. (Grifo nosso).

O ciclo de acumulação pode, assim, ser dividido em duas fases. A primeira, quando apesar de uma taxa de lucro declinante, sua massa aumenta e com isso cresce a parcela destinada ao investimento e ao consumo capitalista. A segunda, quando a expansão da massa de lucro perde potência e começa a afetar o nível da acumulação, sendo a crise marcada pelo momento em que essa massa não aumenta ou mesmo diminui. Essa fase é caracterizada pela superacumulação/superprodução de capital[12].

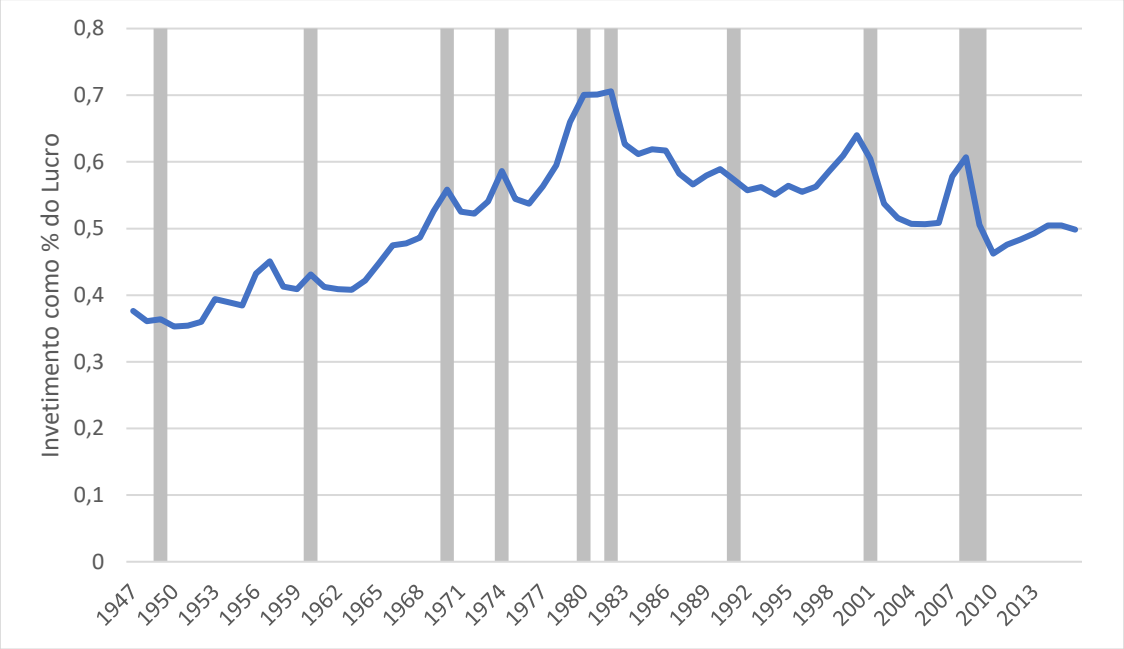
A magnitude do lucro é uma função positiva do capital empregado e da lucratividade[13] (MARX, 1986, p. 185). Nas fases expansivas a participação do investimento no lucro total tende a ser crescente, o oposto ocorrendo em períodos de crise. Esse movimento ocorre, pois, conforme a taxa de lucro se retrai o aumento em sua massa é puxado pelo ritmo acelerado da acumulação. Em períodos de crise, por sua vez, em que as contra tendências atuam com uma intensidade maior no sentido de reestabelecer a lucratividade, a massa de lucro tende a crescer em um ritmo mais acelerado que o investimento, até o ponto em que a acumulação é retomada.

Essa relação entre o movimento do investimento e do lucro total é bastante evidente para a economia dos EUA em todo o pós-guerra (Gráfico 6). De 1947 até 1980 sua tendência foi de constante crescimento. Durante praticamente todo o período a acumulação de capital na forma de investimento foi mais acelerada que o crescimento da massa de lucro. Essa tendência foi revertida com a crise dos anos 1970 e 1980. Nesse período, o investimento cresceu de maneira mais lenta, freando o nível da acumulação de capital, e levando a uma retomada mais rápida da massa de lucro que do investimento. A partir da década de 1990 ocorreu uma certa estabilidade em tal relação, com elevação nos períodos que antecederam as crises de 2001 e 2008.

[12] De acordo com Grossman (1992, p. 135): "Overproduction does not mean that there is not enough purchasing power to buy up commodities, but that it does not pay to buy commodities for programmes of expansion because it is not profitable to extend the scale of production: 'In times of crises… the rate of profit, and with it the demand for industrial capital has to all extents and purposes. Due to lack of profitability, accumulation is interrupted and production is carried out on the existing scale. Prices are bound to fall. The fall in prices is only a consequence of stagnation not its cause".

[13] A taxa de lucro (r) pode ser representada da seguinte forma: r=P/D, em que P é a massa de lucro e D o capital adiantado. Reescrevendo essa fórmula em função da massa de lucro têm-se que: P=r.D.

Gráfico 6: Relação entre investimento privado não residencial e lucro operacional líquido do setor privado – EUA 1947 - 2016



Fonte: Bureau of economic analysis (BEA)
Nota: A taxa de lucro corresponde ao lucro operacional líquido dividido pelo estoque de capital fixo a custos correntes.

A retomada da acumulação, como resultado da ação mais aguda dos fatores contrariantes em períodos de crise, pode ocorrer, assim, mesmo que o nível da taxa de lucro não se recupere na mesma medida. Segundo Shaikh (1990, p. 350) "una expansión prolongada se produce precisamente cuando la rentabilidad ha sido restaurada hasta el punto donde la masa de ganancia comienza a crecer". Nesse sentindo, não é necessária uma recomposição completa da taxa de lucratividade para que a acumulação seja restabelecida, mas apenas na magnitude em que eleve a massa de lucro. No entanto, dado que essa massa também depende do nível da taxa de rentabilidade, em períodos em que seu patamar é baixo toda a dinâmica econômica torna-se mais instável (KLIMAN, 2011). Nesses momentos, a atuação das contra tendências torna-se central para a manutenção das fases de crescimento. Essas, no entanto, também apresentam limites internos.

O modo contraditório como os fatores contrariantes se desenvolvem pode ser observado quando se analisa a dinâmica econômica posterior à crise dos anos 1970/1980. Segundo Moseley (2002), a recuperação subsequente se baseou em três elementos principais. Em primeiro lugar, na desaceleração do crescimento dos salários e mesmo sua redução em alguns casos. Em segundo lugar, no aumento da intensidade do trabalho. Em

terceiro, no deslocamento da produção para áreas de menores salários[14]. Todos esses elementos apresentam, por sua vez, limites para uma operação continuada.

Com relação ao valor da força de trabalho, esse é determinado pelo valor dos elementos necessários para a reprodução do trabalhador (MARX, 1996). Dois fatores principais operam para tal determinação. Em primeiro lugar, suas necessidades de subsistência, considerando também a qualificação necessária para a realização de sua atividade. Em segundo lugar, questões históricas e culturais que podem estabelecer um nível mais ou menos elevado de consumo e qualidade de vida. A queda no valor da força de trabalho pode, assim, ocorrer tanto pelo barateamento dos elementos de sua reprodução, quanto por uma reconfiguração de seu padrão de consumo. A primeira esbarra nos limites do aumento de produtividade nos setores de meios de subsistência e nas próprias necessidades mínimas de sobrevivência. A segunda depende da existência de mecanismos políticos e econômicos que permitam aos trabalhadores protegerem seu padrão de vida.

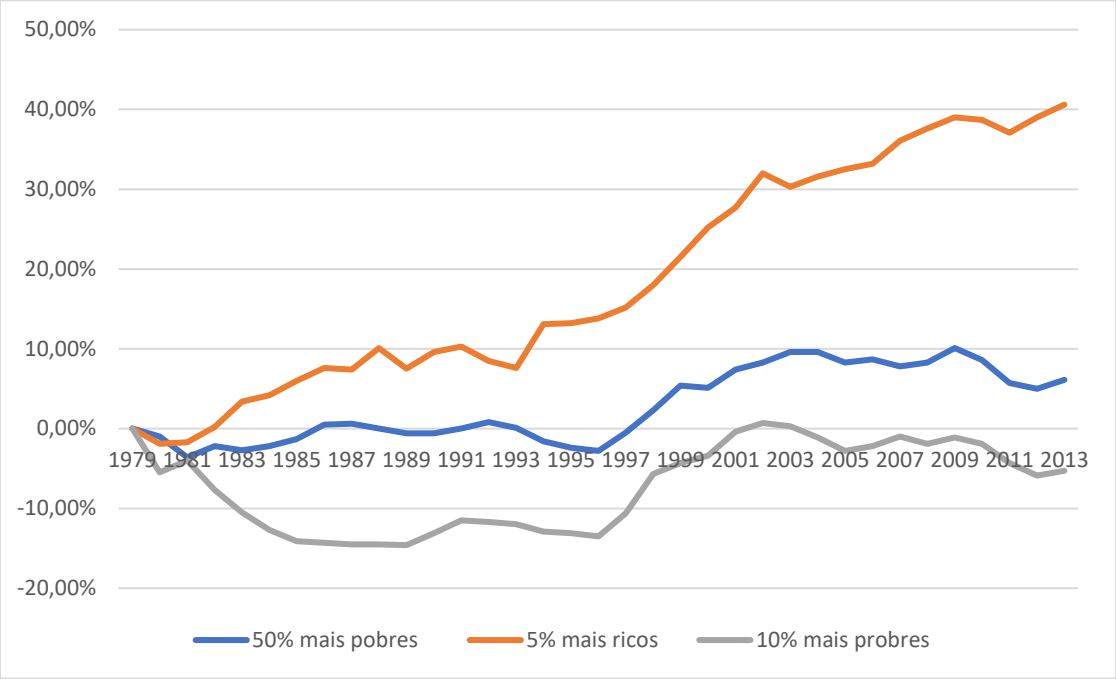
De maneira conjunta, o aumento da intensidade do trabalho é limitado pelos mesmos fatores que influem sobre a determinação de seu valor. A tecnologia, ao mesmo tempo em que colabora para um crescimento da produtividade, é a ferramenta principal na determinação do ritmo do trabalho. No entanto, seja a expansão na intensidade do trabalho dada pela diminuição de sua porosidade, seja pela extensão das horas trabalhadas, seu limite encontra barreiras físicas dadas. Por sua vez, fatores sociais e históricos também contribuem para certa adequação nas regras sobre a intensidade das atividades. A recuperação da taxa de lucro baseada na redução do valor da força de trabalho e no aumento de seu ritmo tende a acelerar o crescimento das desigualdades sociais, e nesse sentido pode acarretar distúrbios e pressões na sociedade.

Analisando-se o funcionamento desses mecanismos na economia do EUA a partir de 1979 percebe-se que seu efeito foi desigual entre os diferentes estratos de renda de sua população (Gráfico 7). Durante esse período, os 5% mais ricos tiveram um ganho acumulado de cerca de 41% em seus rendimentos reais por hora, os 50% mais pobres de 6%, enquanto os 10% da população com menores rendimentos sofreram uma redução em seus ganhos de cerca de 5%. O efeito da retomada da taxa de lucro através do aumento

[14] Shaikh (2016) apresenta dois elementos adicionais para a retomada do crescimento econômico: a redução das taxas de juros e dos impostos sobre a produção. A análise desses últimos foge, no entanto, do escopo desse trabalho.

da exploração pode, portanto, se refletir em um acirramento da luta de classes e embates que limitem esse processo. Conjuntamente, dado que tanto a maior intensidade do trabalho quanto a redução de seu valor se relacionam com o desenvolvimento tecnológico, podem fortalecer os elementos que atuam para a queda na lucratividade.

Gráfico 7: Crescimento acumulado no salário real por hora por percentil: EUA – 1979-2013



Fonte: Economic Policy Institute (2015) *in* http://www.epi.org/publication/charting-wage-stagnation/ acesso 04/09/2017

A ação da exportação de capital sobre a restauração da taxa de lucro também apresenta limites internos. Esses surgem tanto das pressões por maiores salários devido ao aumento da demanda por trabalho, quanto dos próprios efeitos da superacumulação, dado o desenvolvimento mais acelerado das forças produtivas nos países receptores. Esses dois elementos funcionam em conjunto, uma vez que o aumento dos custos laborais tende a pressionar para a mudança técnica (MARQUETI, 2004), o que contribui para um aumento na composição orgânica do capital. Regiões que até então participavam do circuito global de valorização apenas absorvendo esses fluxos, passam a apresentar problemas internos de sobreacumulação. Dessa forma, a saída para o mercado externo se transforma uma necessidade também para seus capitais.

O processo de expansão internacional para novas áreas pode mitigar, num primeiro momento, a violência das crises e a destruição de capital. No entanto, seu efeito não é duradouro, e uma nova crise suscitará a necessidade de expansões ainda mais

aceleradas, ou uma queima mais violenta. Da mesma forma, a análise da internacionalização produtiva das últimas três décadas aponta para o fato de que esse é um processo bastante concentrado, o que indica que a capacidade de absorção de capital depende de fatores que não são gerais em todos os locais.

Nesse sentido, a exportação de capital colabora para o desenvolvimento desigual, uma vez que afasta de seu processo uma ampla variedade de países. Essa é uma dinâmica que se retroalimenta, na medida em que as regiões excluídas tornam-se cada vez menos capazes de absorver esses fluxos em sua forma concreta de existência. O próprio movimento do capital na esfera internacional apresenta, assim, um caráter contraditório, dado que ao mesmo tempo em que se expande, limita as capacidades qualitativas e quantitativas para sua absorção.

Outro fator que sinaliza para as dificuldades de se prosseguir com uma expansão acelerada na esfera internacional, capaz de elevar a rentabilidade média, é a questão da quantidade de regiões capazes de absorver esse capital. Nesse aspecto, importa ainda mais o investimento externo que se direciona para aumentar a capacidade produtiva, e assim a criação de valor, e menos aquele que se move em favor da centralização dos capitais existentes.

Em termos da concentração no investimento direto externo, os 10 países que mais tiverem entrada dessa forma de capital em 2016 foram responsáveis por aproximadamente 76% de todo recebimento de IDE nesse ano. Desses, quatro são classificados pela UNCTAD como países desenvolvidos (Estados Unidos, Reino Unido, Holanda e Austrália); quatro como países em desenvolvimento (China[15], Singapura, Brasil e Índia); e dois podem ser caracterizados como paraísos fiscais (Ilhas Cayman e Ilhas Virgens Britânicas). Segundo dados de Calderón, Loyaza e Servén (2002), a entrada de IDE nos países avançados entre 1995 e 1999 foi majoritariamente na forma de fusões e aquisições, sendo cerca de 5 vezes maior que a entrada de investimento para expansão de capacidade produtiva. Nesse sentido, a alta concentração regional desses fluxos, aliado a certo domínio do processo de centralização sobre o processo de acumulação em seu

[15] Incluídos os territórios de Taiwan e Hong Kong

movimento, apontam para os limites desse mecanismo como forma de expandir a taxa de lucro em nível global, a partir da expansão na criação de mais-valia.

A análise mais detalhada desse processo é central para compreender a dinâmica da acumulação nas últimas décadas. A forma como se deu esse movimento, assim como seus efeitos sobre a taxa de lucro, possibilita uma compreensão sobre a possibilidade de o capital seguir lançando mão desse mecanismo para um novo ciclo de expansão.

Considerações Finais

Os ciclos econômicos podem ser apreendidos a partir da forma como as forças que levam à um declínio na taxa de lucro e aquelas que atuam em sentido oposto interagem entre si. Ambas são manifestações do próprio processo de valorização do capital, regido pelo circuito do capital-industrial. Nesse trabalho foram apresentadas algumas evidências empíricas, especialmente para a economia dos EUA, que apresentam as formas concretas de manifestação do movimento contrariante ao declínio da lucratividade.

Em períodos mais agudos de crise a queima de capital ocorre de forma mais intensa, sendo pressuposto para a recuperação das taxas de lucro. Por sua vez, a magnitude e intensidade dos períodos de recuperação e crescimento dependem da capacidade em se manter essas taxas em níveis que garantam a acumulação. No capitalismo contemporâneo, especialmente após a crise dos anos 1970, o aumento das taxas de mais-valia e o barateamento do capital constante jogaram papel central na fase de recuperação.

Esse período intensificou outro movimento importante para a recuperação das taxas de lucro, a exportação de capital em suas distintas formas de capital-dinheiro, capital-produtivo e capital-mercadoria. A exportação de capital atua sobre a lucratividade de diversas formas. Contribui para o barateamento do capital constante, eleva a competição entre trabalhadores à esfera global e da vazão ao capital que não encontra oportunidades de valorização na esfera doméstica. Todos esses movimentos caracterizaram o capitalismo nas últimas décadas. Por sua vez, os mesmos fatores responsáveis por se contraporem à queda na taxa de lucro também mantém contradições internas e apresentam limites. Conforme a exportação de capital acelera a formação do mercado mundial ao generalizar globalmente as relações capitalistas de produção, essas contradições se manifestam nessa esfera ampliada.

Referências Bibliográficas

ASTARITA, Rolando. **Valor, Mercado mundial y globalización**. Buenos Aires: Ediciones Cooperativas, 2004.

BEA. **Bureau of economic analysis**: interactive data. 2017, Disponível em: < https://www.bea.gov/itable/> Acesso: 16 dez. 2017

BINA, Cyrus; YAGHMAIAN, Behzad. Post-war Global Accumulation and the Transnationalisation of Capital. **Capital & Class**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 107–130, 1991.

CALDERON, Cesar; LOAYZA, Norman; SERVEN, Luis. Greenfield fdi vs. mergers and acquisitions : does the distinction matter ? **Central bank of Chile working papers**. Documentos de Trabajo. [S.l.] n. 173, 2002.

CIPOLLA, Francisco Paulo; PINTO, Geane Carolina Rodrigues. Crítica das teorias da financeirização. **Revista Sociedade Brasileira de Economia Política**, [s. l.], n. 27, p. 6–28, 2010.

EPI. The productivity-pay gap. **Economic Policy Institute.** Disponível em: < https://www.epi.org/productivity-pay-gap/>. Acesso em: 01 mai. 2017.

EPI. Wage stagnation in nine charts. **Economic Policy Institute.** Disponível em: < https://www.epi.org/publication/charting-wage-stagnation/>. Acesso em: 01 mai. 2017.

GIUSSANI, Paolo. Empirical Evidence for trends toward globalization: the discovery of hot air. **Journal of political economy**. V. 26, fall 1996, pp. 15-38

GRESPAN, Jorge Luís da Silva. **A dinâmica da crise:** Um estudo sobre o conceito de crise na crítica da economia política de Marx. 1994. 318 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

GROSSMAN, Henryk. The Law of Accumulation and the Breakdown of Capitalist System: Being also a theory of crises. London: Pluto Press, 1992.

KLIMAN, Andrew. "The destruction of capital" and the current economic crisisNew York, 2009.

MARQUETTI, A. Do rising real wages increase the rate of labor-saving technical change?: some econometric evidence. **Metroeconomia,** Malden, v. 55, n. 4, p.432-441, out. 2004.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**: Livro III Vol IV. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

MILBERG, Willian; WINKLER, Deborah. **Outsourcing economics:** Global value chains in capitalist development. Cambridge: Cambridge University Press, 2013

MOSELEY, Fred. MARXIAN CRISIS THEORY AND THE POSTWAR U. S. ECONOMY. In: SAAD-FILHO, Alfredo (Ed.). **Anti-Capitalism**: a marxist introduction. London: Pluto Press, 2003.

NBER. US Business Cycle Expansions and Contractions. **National Bureau of Economic Research**. Disponível em: http://www.nber.org/cycles.html. Acesso em: 17 ago. 2017.

NORFIELD, Tony. **The City**. New York: Verso, 2016.

PRADELLA, Lucia**. Globalisation and the Critique of Political Economy**: New insights from Marx's writings. New York: Routledge, 2015.

ROBERTS, Michael. **The long depression**. Chicago: Haymarket Books, 2016.

SCHUMACHER, Reinhard. **Free Trade and Absolute and Comparative Advantage**: A Critical Comparison of Two Major Theories of International Trade. 2012. 116 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia, Universitätsverlag Potsdam, Potsdam, 2012.

SHAIKH, Anwar. **Capitalism**: Competition, Conflict, Crises. New York: Oxford University Press, 2016.

SHAIKH, Anwar. FOREIGN TRADE AND THE LAW OF VALUE: PART II. **Science & Society**, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 27–57, 1979.

SHAIKH, Anwar. **Valor, acumulacion y crisis:** ensayos de economía política. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1990

SMITH, John. **Imperialism and the globalization of production**. 2010. 300 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia, Política, University Of Sheffield, Sheffield, 2010.

WEEKS, John. Expansion of capital and uneven development. **Science & society**, 2001. v. 65, n. 4.